

OBRAGEIRO

A orientação dos rios brasileiros contribuintes da bacia platina levou à situação curiosa de virem sendo, desde velhos tempos, as terras por eles servidas, desbravadas por elementos humanos oriundos dos povos vizinhos. O alargamento da área nacional não perturbou tal anomalia. Gravitando em tórno dos rios, caminhos naturais que levam ao Prata, tais terras, desde que foram conhecidas, começaram a ser penetradas por gente de outra língua e de outra nacionalidade. Isso aconteceu nas zonas ribeirinhas do Paraguai como do Paraná. Como, de resto, também em tórno dos contribuintes do Amazonas.

A existência das ricas florestas do oeste paranaense, mais acessíveis pelo rio Paraná do que pelos caminhos terrestres vindos do litoral e das faixas povoadas e progressistas, de formação nitidamente brasileira, atraiu a atenção de elementos alienígenas que, cedo, nelas se internaram, partindo do vale do Paraná. No trecho estreito desse rio, entre Guaira e Foz do Iguaçu, estabeleceram-se, de há muito os portos de escoamento da madeira. Nas barrancas surgiram, então, os "obrajes", lugares de corte e preparação da madeira para a descida das águas. Por extensão, passaram a ser conhecidos por "obrajeiros" aqueles que, na sua maioria, ontem quase na sua unanimidade, dedicavam-se ao trabalho da extração de madeira. Os "obrajes" são, hoje, instalações mais ou menos aparelhadas, à margem do Paraná e de trechos de alguns de seus afluentes da margem esquerda. LIMA FIGUEIREDO assim se refere a um deles: "Em Pôrto Ipranga funciona um "obraje", que é o nome dado ao lugar onde se faz a extração de madeiras". Para esclarecer, logo adiante: "O pôrto e o "obraje" pertencem à Empresa Alfredo Giambelli e Cia., de Rosário"... A necessidade de penetração na zona florestal, entretanto, separou o "obraje" do lugar em que, na verdade, se extrai a madeira. O trabalho dos "obrajeiros" tornou-se muito mais penoso.

Em primeiro lugar, trata-se de descobrir as árvores. O "obrajeiro" interna-se na mata, estabelecendo uma picada inicial, ligando as diversas árvores que vai encontrando e que servem para o corte. Depois de se internar pouco mais ou menos uma légua, volta, e assinala, na entrada da picada, numa estaca, o número de árvores encontradas. Da boca dessa picada, então, abre a picada "maestra", com cerca de três metros de largura, dela irrompendo os atalhos que levam às árvores já marcadas para o corte. Começa, depois, a tarefa do corte, propriamente: a madeira é cortada e lavrada a machado, aproveitando todo o comprimento da árvore. Resta o transporte e, junto ao pôrto, a construção das pranchas, para o escoamento natural, pelo rio, — uma vez que o mercado platino constitui, de há muito, o melhor consumidor para a madeira nacional.

A proximidade de países vizinhos, em que a barranca do Paraná é mais povoada do que a do nosso lado, fez com que o "obrajeiro" se apresentasse, no seu início como trabalhador estrangeiro, não radicado na terra. Alguns focos brasileiros de povoamento, entretanto, e o estabelecimento de algumas companhias madeireiras nacionais, já têm neutralizado, em parte, tal aspecto. O trabalho do "obrajeiro" é penoso e relativamente especializado, porque ele necessita conhecer as árvores próprias para o corte. Sua vida é difícil e cheia de privações. De sua tarefa surgiram os primeiros caminhos no oeste paranaense, e alguns transformaram-se já em razoáveis estradas — tudo gravitando para o vale do Paraná, embora boa parte da madeira, hoje, de zonas mais afastadas daquele rio, tenha no mercado nacional o seu escoadouro natural.

NÉLSON WERNECK SODRÉ

